

AVENÇA



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII • N.º 290 • PREÇO 1\$00

As «Criaditas dos Pobres» no Porto

Na data em que viemos a saber definitivamente da vinda delas, tivemos por outra via conhecimento de uma outra notícia interessante: o irmão da Fundadora, até então Brigadeiro, fora promovido e colocado na Divisão de Coimbra. De forma que temos Luís Sousa Gomes, feito General e Carolina Sousa Gomes, entre os Pobres do Barredo. Qual dos dois o maior?

Não foi sem tempo e dificuldades que correu a negociação de fundação das «Criaditas» no Bairro D. António Barroso. Da nossa parte não. Com efeito tínhamos já escolhido o sítio para a casa, falado ao arquitecto, informado o Sr. Bispo, mas faltava Coimbra. Ali surgiram dificuldades. De uma vez que lá tinha ido e porque as coisas iam prometendo, as duas fundadoras mais eu, no seu modesto gabinete, começamos a alinhar. Elas tinham estado no Porto, percorrido a beira-rio e penetrado nos cantos do Barredo. Era já com outros olhos que elas viam o que iam vendo. Havia uma esperança. Talvez aquilo viesse a ser tudo delas. Sabiam pois o que queriam. Não eram de maneira nenhuma três desconhecidos a falar de coisas desconhecidas. No fim da conversa e a modos de quem se despede, eu disse às duas que tencionava pedir um auxílio certo e permanente à autoridade eclesiástica e civil, sem contudo lhes dizer quanto. Elas escutam. Estávamos ali os três. A reacção não se fez esperar. Como naquele tempo Pedro e João correram ao sepulcro ver se era verdade o que tinham ouvido do Senhor, e João foi o primeiro, assim as duas fundadoras, que chegaram ao mesmo tempo: *Deixe-nos ir sem nada.* Eu sabia antecipadamente que esta ia ser a resposta. Sabia. Mas quis ouvir da boca delas para agora contar ao mundo. A fé divina é baseada no impossível. Não é a carne nem o sangue. Não são os conhecimentos. O mérito de cada um nada vale. É por isso que nós precisamos de ouvir esta linguagem estranha e saudável e resolvida, para ser luz e força. *Deixe-nos ir sem nada.* Este nada é justamente o maravilhoso da Obra do Criador. É do nada que Ele tira tudo. Tira e conserva. Este nada é também a condição necessária aos obreiros do Evangelho. Os apóstolos começaram sem nada. Para a Índia e o padre Damião foi sem nada para o meio dos seus leprosos. E esta é a grande aflicção das Criaditas: *Deixe-nos ir sem nada.* Elas resistem. Não querem ser anémicas. Deste nada hão-de viver no Porto. Dele, repartir pelos pobres. Com ele, embelezar a sua missão.

Por ele, tornar-se conhecidas e serem aqui tão amadas como nas mais terras. *Deixe-nos ir sem nada.*

Por estes dias vamos lançar o fundamento da nova residência. Vai ser um acto silencioso, para quem mesmo as que vêm não vejam. Além do mais, é uma sala cheia de luz e leitões pequeninos para a legião de inocentes daqueles sítios. Há mães tão pobres que deixam ficar os lactantes ao cuidado de mulheres enfermas em troca de comida e de um sorriso. Que marca não trazem ao mundo estes inocentes! E vão ser elas. Vão ser as Criaditas. Esta riqueza está guardada para as que vêm de Coimbra em nome do Senhor — sem nada.

De nada se vai começar a residência. De nada o *Património dos Pobres*. De nada o *Calvário* que lá vem. Deus ama os obreiros do nada para que ele e *só Ele* seja.



Aqui, LISBOA!

O alojamento da gente pobre da Capital, começa a preocupar as Autoridades. Ainda bem! Os relatos dos jornais dão-nos conta do que se diz na reunião da Câmara. Por eles sabemos que estão feitas as estatísticas, que há veredictos insatisfatórios, que vão ser investidos largos capitais etc. etc. Podemos pois levar uma esperanzinha ao engraxador e outros encurralados em primitivos e sórdidos recantos.

Duas coisas continuamos a lutar: primeiro, que é possível a solução do problema; segundo, que a maior dificuldade não é o dinheiro.

Sim: é possível! Com menos recursos haja em vista o exemplo da cidade de Beja, que em menos de dois anos, graças à iniciativa do Amparo dos Pobres, vai acabar com todas as barracas. Outro exemplo é o de Coimbra.

Quem a nós conheceu há dez anos?! Os espectros que eram a Concha ta, o Arco Pintado, o Lojão, a Cumeada... Agora tudo desapareceu!

Quanto ao dinheiro, é sintomático o caso do engraxador. Acaba de sair daqui um admirável casal cristão. Deixaram um envelope volumoso. Explicaram:

— Tínhamos lá este dinheiro que não nos faz falta. Gostaríamos que fosse para a casa do engraxador. Eram vinte notas frescas. Como estas, quantas viriam! Lisboa já acordou! Começa a

Que me lembre, é este o segundo *Cantinho dos Padres*, que dos rapazes muitos têm sido. Faço-o para que fique por doutrina. Os vindouros podem vir beber aqui normas do futuro e tirar orientação.

Ocupo-me hoje de um rapaz que entrou por Miranda, de lá Paço de Sousa, dali Porto, Tojal, S. João da Madeira e outra vez Porto, de onde foi servir as armas. Não vale a pena servir o nome. Todos os seus contemporâneos o conhecem e isso me basta. Se jamais houve rapaz que me fizesse vacilar, este foi ele. Muitas vezes perguntei — *Senhor vale a pena prosseguir?* E ficava-me por longas horas, por longos dias e por muito tempo sem saber por onde optar. Hoje veio uma resposta a todas as perguntas dolorosas e instantes feitas aqui na capela, por causa dele.

«Desde que entrei para a H. I. C. A. só tenho dado ao meu Pai Américo alegria o que para mim é um grande prazer, e tenho mais a comunicar ao Pai Américo que já tornei a ser aumentado desta vez para 40\$00 diários e como o meu chefe foi embora, fiquei no lugar dele e tenho a meu cargo o pessoal que me ajuda e as leituras dos aparelhos nas três Barragens. Como o Pai Américo vê, eu continuo a trabalhar para uma vida melhor e continuo a fazer e não me canso foi Deus que me deu a hora. Vou terminar desejando ao meu Pai Américo largos anos de vida e cumprimentos a toda a rapaziada.»

Esta hora de regozijo é minha, sim. Mas eu não a quero. Que ela seja dos meus padres em primeira mão, rapazes e todos os amigos. Isto faz bem à alma. Nós precisamos de qualquer coisa que nos alimente e sobretudo nos ajude. O Mundo tende a separar-se. Desta carta devemos tirar a certeza de que se não perde nada do nosso esforço, mesmo que nos pareça tudo perdido, quando e se trabalharmos por amor de Deus. Mais. Passamos a ser criadores. Criadores de verdade, de alegria e de prazer. Aqui está o rapaz a confessar grande alegria por me dar o seu nome. Isto é uma criação. Para isto tornaram-se necessárias, já se vê, muitas horas choradas em silêncio.

O rapaz foi aumentado. Teve ocasião de ficar a substituir o seu chefe. Mas eu ainda não cheguei aonde quero e agora é que vou entrar na espinha dorsal da carta: *foi Deus que me deu a hora.*

Meus queridos padres, colaboradores e amigos; nós estamos na Obra por amor do rapaz. Ele é o nosso quinhão. Não será nunca nosso, verdadeiramente nosso, enquanto não fizermos tudo quanto em nós está, para que ele seja de Cristo e um amigo de escolha na Eternidade. Temos pois de nos afigir e esperar. Não me faltaram títulos para despedir da comunidade este adorável rapaz, que o nosso bom Deus proteja pela vida além. Não me faltaram títulos, sim, mas eu não sei que tinha; e chegada a hora, nem palavra, nem força, nem decisão. Fraqueza? Não. Esperar. Não tenhamos nunca a tentação de acabar com os trabalhos que este ou aquele nos dá; ou de apagar o mórão que ainda fuma. As páginas mais belas da Escritura são justamente as que nos dizem da Misericórdia de Deus. Este é o Seu atributo.

Que esta carta seja luz para todos os ausentes que viveram a par de quem me escreve e que, tal como ele, saiba cada um deles

Além da antecedente e 8.845\$80

(Continua na segunda página)

Ecoss do Atlântico

Por
Padre Elias

Eu tenho-me visto à brocha não só para prover do necessário esta Casa do Gaiato Açoriano, já com meio cento de garotos, mas também e sobretudo para aturar os papás destes filhos das ruas.

A gente não desanima, porque se dá de alma e coração, olhos na eternidade, e bebe todos os dias, infinita força, no Altar de Cristo. De olhos no mundo, e sem o Santíssimo Nome de Jesus, teríamos desanimado nos primeiros dias.

Ao contrário do que eu pude

AQUI, LISBOA!

(Cont. da primeira página)

e vários objectos de prata e roupas com promessa de completar o que falta para outra casa, proveniente dum espólio pretendido por vários herdeiros, tendo por isso concordado que fossem os Pobres a herdar. Do espólio doutra pessoa amiga dos gaiatos 2.000\$; ainda 100\$ doutra Benfeitora, amiga dos nossos gaiatos, lembrada no nosso altar; ainda 500\$ para o Património do assinante 30394; 1.250\$ e 1.827\$ dos Serviços Médico-Sociais que mensalmente se repetem; quatro grandes listas de depósitos no Montepio onde entre variados anónimos aparecem quatro casas prestes a chegar ao telhado: Mundial, Santa Filomena, Noelista e Helena. Mais sessenta e tantos bilhetes dos Capristanos para a venda do Famoso, nas Caldas, o que equivale a 1.500\$; 100\$ para a Curraleira. Carne a faltar, de Loures; 150\$ do Crédito Predial; 100\$ de duas Marias; 20\$ na Colonial; 70\$ correspondente a 10% do aumento de três que assinam. Uma bola e guloseimas de dinamarcas que nos visitam. Estamos a ver que temos de arranjar um poliglota para atender os visitantes estrangeiros. Vem agora aí gente de todo o mundo: ingleses, alemães, suecos, belgas, espanhóis, americanos, etc.. Será que um dia a Obra da Rua galgue as fronteiras?

De dois jovens quaisquer, 150\$ tirados do seu trabalho; 100\$ no Banco; 206 da Nestlé. Papeis, revistas e brinquedos de Odívelas, mais revistas de Lisboa; 100\$ de visitantes da Suíça; 1665\$ dos Empregados da Vacuum; 50\$ no Banco; 100\$ do Casal de S. Jorge; 200\$ da Companhia dos Tabacos; 100\$ em a. g. pelos 21 de trabalho escolar; 50\$ por alma de Manuel e Maria; 200\$ da Av. Almirante Reis para distribuir entre o Património e a Conferência; vários embrulhos de roupa; 100\$ em cheque que deve ter ficado fora do envelope; 300\$ da Baía dos Tigres; 100\$ para a Conferência à porta duma igreja; 100\$ do produto de multas de vinte centavos aplicadas a si mesmas, numa repartição, durante o ano findo!

PADRE ADRIANO

NO PRELO

O LIVRO «VIAGENS»

PEDIDOS À EDITORA
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO

encher-se da mesma convicção e confessar: *foi Deus que me deu a hora.*

observar no Continente, aqui nos Açores, não há o verdadeiro gaiato vadio, sem eira nem beira. Dos cinquenta garotos que temos, só três deles se podem chamar filhos de ninguém. Os outros têm as suas famílias e andavam nas ruas para sustentar os vícios dos pais, misérias de toda a sorte, incalculáveis. Muitos foram dar à Polícia e de lá vieram.

A maioria dos pais não compreende o sacrifício, chama-nos nomes e vem pelos filhos para os mandar de novo para as ruas. A gente aconselha, diz com caridade, repreende e não entrega os pequenitos.

Acaba de chegar aqui o pior de todos os que tenho recebido. Lá na terra dormia numa trincheira com os pais e mais dois irmãos pequenitos. Tem oito anos apenas e já é cadastrado. Roubava.

Achou-se feliz enquanto sentiu o aconchego da roupa nova e o conforto das sopas quentes. Agora não. Refila e chora que não quer estar cá.

Os mais velhos dizem-lhe que fique porque isto é bom, mas ele não acredita. Quere a sua roupa e a sua trincheira.

Andamos todos alvoroçados e os lavadores têm passado muito maus bocados. Como este nunca vi. Quando quere satisfazer qualquer necessidade não procura para o lugar próprio. Faz, onde se encontra. Os lavadores já passaram de escovas e baldes, pelos dormitórios, corredores e balneários. A gente diz-lhe, mas ele não entende. Não está habituado. Dormia numa trincheira, andava nas ruas, pedia, fumava tabaco, roubava dinheiro e mais nada. Vegetava. Queríamos agora ensiná-lo a viver como gente mas o pai não quere. Espancou a mulher porque deu o filho e diz a toda a gente que o vem roubar qualquer dia.

Eu tenho para mim que o problema reside na grande falta de habitação. Eles moram todos numa trincheira escura! Se o ambiente não é próprio de seres humanos, eles não podem pensar como homens. Agarram-se ao que foram e ao que são, às suas rodilhas nauseabundas, aos seus vícios e não vêm mais nada, nem atendem ao que se lhes diz.

E enquanto Cristo sofre nos seus membros, a maior parte dos homens dorme regaladamente, como os Apóstolos no Jardim. Aí vem quem há-de aproveitar o sono dos que não deviam dormir. Logo, será tarde. É já. Casas para os Pobres!

E tenho mais ainda que assim como já há Casas para os pequeninos vadios, também se deveriam abrir casas semelhantes, para os grandes. Menos cadeias. Casas abertas, com sol, religião, amor e trabalho. Ensinar o trabalho aos irmãos da preguiça. Desviá-los da taberna e do álcool; garantir o Pão da mesa dos filhos.

Quem se habitua ao ambiente dos presídios fechados, estraga-se mais e deseja-o de novo logo que é posto em liberdade. *Lá come-se e não se trabalha.* Quem nunca ouviu esta frase da boca dos preguiçosos? Eu ouço-a quase todos os dias, quando ando pelos lugares sujos na minha missão de servir.

Padre Elias

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

UMA CARTA: Temos em mãos uma do Carlos Veloso, presidente da Conferência do Lar do Porto: «Vai a crónica da Conferência que peço metas já no próximo número pois não damos há dois domingos esmolas aos pobres porque a mercearia não fornece por débito de 2.800\$00! Tendês aí dinheiro a mais?»

Dinheiro a mais não temos. Todo o que vem é preciso. Fomos à Caixa ver o saldo e, ainda que com um pouco de sacrifício, podemos dispor de 500\$00. Já seguiram. O resto chega para quinze dias. E Deus providenciará.

* * *

Hoje, sim! O mercúrio subiu e aqui, também, os donativos. Como Deus é nosso amigo! Não merecemos tanto! Que toda esta dedicação, este amor de todos vós seja um esmulo, uma obrigação à perfeição moral e espiritual de todos nós, Vicentinos, objectivo primário da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

À frente, temos uma Senhora de Viseu, com um vale postal da

modesta quantia de 20\$00 para ser aplicada na acção da «Conferência». Pede desculpa da pequenez da remessa, mas é com dificuldades e prazer que a faz.

Dificuldades e prazer são os dois predicados de quem, verdadeiramente, dá. E dá do que lhe custa e faz falta. Aqui está o que vale perante D-us. De Lisboa, os costumados 20\$00 para a Conferência de S. Vicente de Paulo da Aldeia. Que persistência! Do amigo e cliente da nossa Tipografia, Justino Alves, 48\$00 de sobras por saldo de contas. De Américo Ferrão, da Beira: 50\$00 de minha filha mais velha e 50\$00 Nossos. Maria do Céu Pinho, de Ovar, 10\$00. José Lopes Silva, Famalicão, 10\$00 para acudir com mais essa migalha aos pobres mais necessitados. Dum assinante de Huambo, Angola, 50\$00. Os ultramarinos estão a chegar em grande forma. Assinante 15.477, 20\$00. Como já vem sucedendo, contas em ordem com o jornal e o restante para os pobres protegidos pelos nossos rapazes e em desconto dos meus pecados, 100\$, do assinante 7.140, de Lisboa. Presidente da Conferência de Ucanha, 20\$00. Saudações vicentinas. Mais Ultramar: 50\$00 de um assinante de Lourenço Marques. José Miranda Júnior, 20\$00. Assinante 2182, 30\$00. Agora, uma carta: «Envio junto 50\$00 para os Pobres. São por alma do meu saudoso Marido. Peço à hora da Missa um Pai Nosso por sua alma. Maria Victória.» Uma assinante de S. João da Madeira com 10\$. Para a Conferência, da assinante 17.022, 20\$00. Mais persistência. Rita Ferreira, assinante 20.449, 10\$00. De Maceira-Liz, 20\$00. José J. Gonçalves, Porto, metade. Assinante 26909, também do Porto, 25\$00. Do Senhor Doutor José António Sarmiento, Professor cultíssimo e amigo dos seus alunos, a quem devemos o que sabemos do nosso mister, 50\$00. Que Deus lhe pague. Assinante 14.602 20\$00 e diz que gostava de praticar o bem mas por vezes falta-lhe coragem. Hoje um esforçozinho, amanhã outro e Deus se encarregará de a distinguir com a «obrigação» de ajudar e trabalhar pelos que precisam. Mais Porto: assinante 8.349, diz que se sobejar alguma coisa das contas com o jornal é para a Conferência, 20\$00. Assinante 26709 de Cernache, igual quantia. Só lá de tempos a tempos sopra um ventozinho alentejano: vai o nosso amigo Joaquim da Costa Júnior, de Aldeia da Mata, com 20\$00. Virão outros? Alice Ferreira, 40\$00. De Mem Martins, Maria C. Henriques, na mesma. Figueira da Foz, Águeda Fontão, outro tanto. Assinante 4245, de Lisboa, 100\$00. Mais persistência: A Minucha manda 50\$00 para a Conferência. Albertina Godinho, do Porto, 20\$00. Um advogado de Aveiro pede que não mencionemos o nome no Famoso e 20\$00 para a Conferência. Dou o dito por não dito: mais Alentejo, a assinante 14.608, com 20\$00 para a Conferência. Virão mais? Maria Tereza Beirão Botelho, metade. Assinante 5478, de Vila Moreira, 20\$00. Assinante 9989, o mesmo. Augusto Ferreira, o dobro. António Silva Martins, idem. E pronto. Mais nada. A todos, como sempre, os nossos melhores agradecimentos.

Júlio Mendes

Nota da Quinzena

Visto como uma grande parte dos nossos leitores não conhecem ou andam mal informados da Igreja, damos hoje aqui um bocadinho d'Ela transcrevendo parte de um documento episcopal:

«O Senhor D. Florentino de Andrade e Silva será em toda a parte da Diocese uma presença viva e activa do Apostolado Pastoral e desdobramento da Nossa própria personalidade; com a autoridade de Vigário Geral, que desde a Sagração Lhe concedemos, será nas visitas pastorais, nas conferências eclesísticas, nas actividades apostólicas do laicado e em tantos outros ministérios a que nem sempre podemos presidir, aquela presença episcopal da Igreja, que vê, prevê, estimula, louva e ordena as iniciativas das almas que conheceram o dom de Deus e por isso querem retribuir-lhe algo de si mesmas.

Sendo assim uma quase identidade um *altar ego* do Bispo Titular da Diocese, no entanto cremos importar muito ao bem da Igreja que todos, mas especialmente o jovem Clero, continuem a ver no Sr. D. Florentino o seu conselheiro e amigo a quem possam dirigir-se com filial e íntima confiança nos momentos de dúvida, de hesitação ou de crise, que interessam à sua acção mas principalmente à sua pessoa. Por isso queremos expressamente declarar que consideramos o Nosso Bispo Auxiliar livre de ter os seus próprios segredos, quando ao seu bom critério tal atitude se afigure serviço de Deus e da Diocese».

Nunca se viu nada mais fraternal!

PRESENÇA

= AGORA =

Presença—foi a palavra que surgiu quando acabei de ler a tão viril mensagem natalícia do Sr. Bispo da Beira.

Sua Ex.^a põe os problemas da África. Encara as forças que em tentativa de propaganda nela se cruzam, afim de prevenir os cristãos da urgência de ressuscitar Cristo nas suas vidas, para que o Islamismo, o Protestantismo e o Comunismo não frutifiquem em terreno deixado baldio por nós.

«No actual recorte do continente africano, Moçambique ocupa, incontestavelmente, lugar de relevo e posição estratégica em ordem a outros continentes. Ora tanto o Extremo-Oriente como o Médio-Oriente rebelaram-se contra o Ocidente, emancipando-se dele quer religiosa quer politicamente.

As grandes nações do Oriente orgulham-se da sua antiquíssima civilização e, por isso, não se julgam carecidas de outra civilização, como a cristã, por ser posterior à sua. Este motivo, porém, não justifica por nada a China e a Índia em se manterem indiferentes e, muito menos, hostis ao Catolicismo. É que o Catolicismo não é uma civilização a competir com outra, senão uma revelação. É a palavra de Deus manifestada aos homens para servir de norma aos mesmos homens. Por isso o catolicismo como tal não é incompatível com outras civilizações senão, ao contrário, pode ajustar-se a todas elas corrigindo-lhes os erros e defeitos e completando-lhes as insuficiências.

Identificar, portanto, o catolicismo com esta ou aquela civilização é erro flagrante que há ocasionado e continuará a ocasionar á Igreja incompreensões e dissabores. Há duas coisas sòmente que conheço estarem na linha contraditória da Igreja e, por conseguinte, nunca *poderem ser assimiladas por ela*. São o erro e o mal. É a história não regista civilização alguma que, por mais antiga e pujante que seja, haja razões de invocar direitos ao erro e ao mal ou se considere ofendida por quaisquer tentativas de evolução desenvolvidas em seu seio no sentido do progresso e da perfeição.

A razão de ser da rebelião do Extremo-Oriente e do Médio-Oriente contra a Europa fundamentalmente está nesta confusão.»

Esta confusão, em grande parte, é culpa nossa. O Sr. Bispo o diz adiante:

«Se do Oriente voltamos o pensamento para o Ocidente europeu, depara-se-nos o espectáculo confrangedor de em meio de países cristãos se estar criando e desenvolvendo uma sociedade atea, à margem do catolicismo, e com ela uma civilização completamente alheia à Igreja Católica.»

É Cristo posto à margem da vida quotidiana, da vida que Ele próprio veio viver, e portanto valorizar divinamente, quando assumiu a natureza humana no seio virginal de uma Mulher.

O abismo cavado entre Oriente e Ocidente, entre os europeus ditos cristãos e a sociedade sem Deus que também deles é formada, tem neste divórcio entre o espírito e o corpo, entre o eterno e o temporal sua razão de ser.

Uma falsa mística tem levado muitos a postergar os direitos do corpo, como se eles fossem em si

mesmos indignos de reclamação. Tem-se separado o que sòmente é capaz de distinção. O homem queda para os outros homens uma alma separada—que significa morte para o mundo real em que vivemos.

Fragmentar não é estabelecer hierarquia; é destruir.

«A obra por excelência que Moçambique tem a realizar da qual depende o seu próprio futuro e a esfera da sua influência social e religiosa é a integração, perfeita e total, de seus homens e suas coisas, numa ordem cristã e católica. O progresso económico de Moçambique estendido a todo o território e desenvolvido à base de suas actuais possibilidades, desde que reverta em riqueza para todos, é condição essencial e indispensável à vida humana, porque ninguém conseguiu ainda renunciar às necessidades de comer, vestir e viver de harmonia com a sua posição social. Renunciar a tais necessidades seria renunciar a ser homem.

Mas Moçambique não cumprirá o papel que lhe está destinado no futuro se, ao mesmo tempo que procura pôr em marcha segura o seu progresso material, não se esforça por assegurar também o seu progresso intelectual e moral.»

Não se discute que os valores do espírito são de ordem muito mais nobre do que os da matéria, mas esta é também criatura de Deus. O mal de que é suporte seguiu o pecado de origem; porém, ela conserva a bondade que lhe vem do Criador. Não pode ser desprezada, antes deve ser sublimada pelo espírito que dela usa. Daí a necessidade de que esse espírito seja radicalmente cristão para que saiba usar cristãmente, em todas as circunstâncias e momentos, dos bens materiais que a Providência colocou ao seu dispor.

Por isso o Sr. D. Sebastião de Resende, Pastor de tantas almas em corpos negros, brancos e amarelos, se preocupa com o progresso económico de Moçambique, desde que reverta em riqueza para todos. E ainda mais com o progresso intelectual e moral, porque *os valores morais estão na base de todos os valores humanos*.

Acrescenta mesmo a recíproca, que também é verdadeira: *Moçambique em vão alargará as suas concepções de grandesa e de progresso em ordem ao futuro se, porventura, as preocupações não se dirigem primeiramente no sentido de cuidada formação moral de seus homens*.

Oxalá a falsa mística, aquela confusão que há ocasionado à Igreja incompreensões e dissabores, ceda lugar a uma mentalidade mais conforme a Cristo, capaz de entender o valor eterno dos actos temporais; e de acreditar eficientemente, até às últimas consequências, que o nosso corpo, a ressuscitar com dotes gloriosos, será associado à felicidade eterna da nossa alma e por isso não é desprezível.

Que esta mentalidade seja para cada um de nós o fruto Pascal, nesta festa da Ressurreição de Cristo, causa e modelo da nossa própria ressurreição e garantia maior da nossa Fé.

P.^o Carlos

Abrimos o cortejo com duas casas de doze contos cada uma oferecidas em Lisboa para serem ali construídas. Por não estar na nossa mão, não podemos prometer, mas aceitou-se o dinheiro. Esperemos. Uma oposição é necessária e sempre muito saudável. Levanta. Incita. Cria interesses. Forma opinião. Não deve vir longe o tempo em que o *Património dos Pobres* conquiste o lugar que merece e venha a gozar seus direitos dentro dos muros da cidade. São duas casas. Ao pé delas vão dois licenciados, marido e mulher, com 80\$. São da Ilha da Madeira. Um nadinha ao lado seguem cinco filhos com a segunda prestação de 500\$, oferecida por seu pai, em nome deles. São de Huambo, Angola. Deus os ajude. No Lar do Porto deixaram 1.000\$. No mesmo sítio o dobro. Ainda ali, um relógio de ouro. Agora queiram ter a bondade de fazer espaço. Muita largueza. É gente da Beira. São os Empregados da Shell. O cheque é de 12.420\$. Como se encontrasse ainda de vago uma casa em Miragaia, é nesta que se vai aplicar a placa. Fica perto dos colegas do Porto. Um nadinha abaixo temos a Vacuum. Esperamos por outras companhias do género. Até lá, um abraço muito arrojado a cada um e boa sorte. Quando chegar a vez, façam por vir passar as férias a Portugal, mesmo que sejam naturais da Beira. Venham, que nós temos por cá muito que mostrar. E temos sobretudo um mar sem tubarões, rios sem jacarés, relvas sem serpentes, montados sem feras, sol que aquece mas não queima. Venham daí. Também temos hoje uma coisa nova na nossa terra; casas feitas e entregues aos pobres,—sem renda. Mais uma prestação de 1.000\$ de Escalos de

Baixo. Vai aqui um senhor que não é licenciado nem doutorado e manda-me 20\$ para eu lhes dar uma chega. Ela aqui vai. O movimento arrasta-se, sim, mas eu acho que nós devemos ter a casa que se pretende. Logo a seguir vai com outro tanto a Maria dos C. T. T. Outra presção da Beira para a «Casa Diniz». E agora isto que faz admirar. É da Matola. Já tem vindo aqui mais vezes. É uma família ali estabelecida e que está pagando a sua própria casa em prestações! Pois bem. Esta família vai aqui hoje com 100\$. Mais espaço. É o mundo dos C. T. T. do Porto com uma nova prestação de 607\$50. Vai uma professora de Esmoriz com 100\$. E o senhor do Porto com 20\$ referente a tabaco a menos durante o mês findo. Se este rapaz ou homem, chegada a hora de fumar sente a falta e não fuma, temos aqui um leite amargo que só pode ser igualado à doçura do pobre que disfruta sua casa. Vai aqui a mulher de Palmela com 100\$. Desta vez arranhou um Alentejano que também leva 100\$. Ao lado vai uma licenciada ribatejana com 50\$ e promete voltar. Oxalá ela faça como a *mulher de Palmela*. Ele há tanto alentejano e tanto ribatejano que facilmente poderiam vir por aí acima e fazer uma procissão do tamanho das Lezírias. Mais um licenciado da Madeira com 20\$. Mais 25\$. Se os senhores me dão licença eu peço que todos reparem no que vai passar agora. Vem de África. Não digo nomes. Basta que se saiba ser uma casa de uma gratificação agora mesmo recebida. Eis aqui um homem livre, na posse e gozo do que é seu. Por toda a vida há-de recordar aquela gratificação. Deus ajude os filhos tenros deste Casal.

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

Conferência: Cumprimos do dever que há muito se impunha, vimos perante os nossos leitores amigos e subscritores, dar contas do que foi a nossa cruzada em 1954.—

RECEITA

Saldo do ano anterior	117\$50
Colectas	18\$10
Subscritores	5.180\$50
Donativos por intermédio de «O Gaiato»	8.185\$50
Do Farrapeiro em dinheiro e roupas	1.601\$50
Total da receita	15.103\$00
Déficit para 1955	939\$00
Total	16.042\$00

DESPESA

Socorros em géneros	11.315\$50
• dinheiro	1.678\$50
• roupas	1.054\$50
• medicamentos	218\$40
• rendas de casa	1.034\$00
• missas e funerais	430\$00
• diversos	311\$10
Total da despesa	16.042\$00

Como se vê, encerramos o ano de 1954 com um déficit de 939\$00. Graças a Deus.

Do bem incomensurável que nós fizemos, só nós o sabemos.

Quanta fome matamos; a quantas aflições nós valemos; quantas feridas curamos, enfim, a nossa cruzada.

Lamentamos entretanto que o de 1955 se apresente tristonho, pouco animador, com poucas perspectivas. Assim, devido à grande despesa feita no Natal pois orçou pelos 4.000\$00, há quatro semanas que não levamos o óbulo aos nossos protegidos. A despesa foi grande por querermos chegar à casa de todos, ficando em débito para o ano corrente. Assim a mercearia não nos fornece sem que entreguemos 2.800\$00 referente à despesa feita durante os fins de Dezembro e meses de Janeiro a Março. Quem nos acode?

Carlos Veloso Rocha

PRAÇO DE SOUSA

Foram eleitos os novos gerentes do nosso grupo de futebol que já entraram em actividade.

Já foi arranjado o campo e vão começar os treinos. Temos já alguns desafios marcados e avisamos todas as colectividades que nos venham visitar, querendo de frontar o nosso grupo, para o fazerem o mais cedo possível, para sabermos com quem havemos de contar. Estamos em grande forma, por isso se apanharem por aí alguma boa derrota não se importem nem desanimem. Está ou não, bem?

—O novo livro «Viagens», está quase no fim da sua impressão, pois os tipógrafos estão a trabalhar bem e o prelo em forma, motivo este que dará ao dito, soberbo aspecto gráfico.

Mais algumas inscrições e pronto. Fica esgotada esta edição.

Os que se não quiserem ver privados desta edição, é escreverem-nos imediatamente.

—Estamos ansiosamente esperando o conhecido agrupamento de «A Voz dos Ridículos», programa que todos os domingos vai para o ar pela uma e meia da tarde, através dos microfones da Ideal Rádio.

Esperamos que essa visita seja o mais breve possível e que não falem o linotipista, bate-chapas, chefe das oficinas, director—o nosso amigo Sr. João Manuel, etc.

Enfim, esperamos apanhar uma barrigada de riso. Entretanto, queiram receber os nossos sinceros cumprimentos.

—No passado domingo 27, estiveram de visita à nossa aldeia os operários da Fábrica da Sedas Nogueira, tendo jogado com o nosso grupo de futebol e empatado a zero.

O nosso grupo alinhou: Teixeira, Rui, Trofa e Marques Miranda; Domingos e C.^o Pereira; Bento Daniel, Nicolau, Carlitos e Juvelino.

Durante toda a primeira parte jogamos com uma unidade a menos, pois Marques Miranda só começou a jogar no segundo tempo, mas mesmo assim estivemos sempre a dominar, limitando-se o nosso adversário a contra-atacar de vez em quando.

Os nossos melhores: Teixeira, Rui, C.^o Pereira e Nicolau.

Dantel Borges da Silva

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Colhi a primeira laranja do nosso novo laranjal, encosta acima, na mata, a expensas do arvoredo que ali era. Antes queremos laranjeiras. Mais de cem e todas vingaram. Colhi uma, digo. Era de tarde. No sopé, oito rapazes, Sérgio à frente, continuam a sementeira da batata. Na encosta à frente e batidas do sol, estão as dezoito edificações da aldeia. Tantas vezes que as olho e as conto e medito e ainda não fui capaz! Não compreendo. Não sei dizer verdadeiramente a mim e aos outros como tudo foi possível! Tirei a casca enquanto descia. Conteí. Oito gomos. Tomo um para mim e dou um a cada rapaz. Estava pago o tributo aos trabalhadores do campo. Demos assim às primícias boa aplicação. Custou a passar de 3 contos!

Ficaram mais laranjas. São arbustos de dois anos. Uma com dois pómos e mais duas cada uma com o seu. Não quero fazer as contas de Mofina Mendes. A nossa Obra não assenta em fábulas. Mas posso dizer, a julgar pelo que hoje se vê, que dentro em poucos anos temos aqui em casa uma fonte de alimento e de receita. Milhares e milhares e milhares de laranjas.

*** Abel e Carlos são os das pombas. Agora parece ser a ocasião dos treinos e concursos. Todos os sábados as mandam e todos os domingos chegam. Aquela hora é uma festa. Olhos no ar. Espectativa. Delírio. *At vem uma. Olha outra. Mais.* Sempre que posso faço parte. Eu também gosto de pombas. Sobretudo quando elas se deixam cair das alturas, asas fechadas e assim entram no pombal!

Abel e Carlitos são alfaiates. Ganham. Se alguém lhes pergunta, eles dizem prontamente que fretes e mais despesas é tudo da sua conta. Dizem o mesmo se alguém lhes pergunta do alimento e que não fica nada barato. Dizem, mas não é. Eu é que ando...

*** Surpreendi há dias ao cimo da avenida o *Loirinho* a dar de comer a uma galinha com pintalinhos. Era mesmo a este; que ele queria dar de comer. Foi assim: estavam três da mesma laia a limpar as valetas. *Loirinho* tenta-se. Mete a mão à algibeira de onde retira um pedaço de boroa. Dirige-se ao sítio aonde a galinha era e dá de comer. Faz migalhas com os deditos da mão. Muitas migalhas. Deixa cair qual chuva miudinha. Os pintalinhos rodeiam-no e picam e comem, deliciosos. Sem nada dizer, o pequenino da nossa aldeia, é expressão de boa saúde. Está em sua casa. Dá do que é seu. Se amanhã não for um homem, não é por falta de elementos que fazem o homem.

*** Temos cá em casa algo de rico. No pequenino escritório do padre Carlos, rasgado por uma janela e no peitoril desta, encontra-se um retrato de sua mãe. Não sei como e quando veio cá ter. Também não sei quem é nem quero perguntar, mas todos os dias, vê-se ao pé um vaso com flores novas e brandas! Não sei o que se passa com os mais cá de casa, mas comigo sim. Tanto que não sou capaz de exprimir o sentimento. É sempre uma vista nova. Um novo sabor. Uma coisa cheia. A

Mãel Numa casa aonde a maior parte nunca a viu porque nunca a teve, temos nós hoje a Mãel! Somos assim mais família. Uma Grande Família.

*** Ora o senhor padre engenheiro perdeu os óculos. Foi o caso que, tempos depois da sua primeira missa, começa a piscar os olhos e a dizer que não vê; e não parou enquanto não foi a um especialista. Dias depois aparece em casa quase transfigurado. Os aros. As lentes. As hastes. O primeiro a irromper foi o *Papagaio* que ao vê-lo não teve mão: *ai que giro!* E todos os máis, cada um a seu gosto exprimiram o seu espanto.

Mas isto durou pouco tempo. Duas semanas depois e o senhor engenheiro nunca mais pôs óculos. Anda hoje sem eles, a piscar como dantes e ao longe não reconhece. Perdeu os. O que tem graça é que ele não sabe como nem quando nem aonde. Não tem uma reminiscência. Foi um sumiço total.

*** Não sei se os senhores ainda se lembram de um chá que me serviram o qual não havia ninguém no mundo que fosse capaz de tomar, a não ser um, que como eu, está disposto a levar tudo e todos até ao fim. O que mais graça tinha era notar a atitude composta e convicta de quem me vinha servir, como se trouxesse no tabuleiro e àquela hora um serviço completo e irrepreensível. Ora eu não me queixava ao rapaz, nem tão pouco na cozinha me queixei a ninguém. Mas no jornal sim. Aqui sim senhor. Berrei e tornei a berrar. Valeu a pena, porquanto, hoje é tudo diferente. Em vez do bule sem orelhas é um que nem na Ateneia! Do chá nem se fala. Nada menos do que *Hornimam*. Ouro em fiol Misturo lhe uma gota de leite, um nadinha de açúcar, muito pouco, quase nada; e aqui temos o chá do mais precioso *Tea Room* de Londres. A chavena é que não. Esta continuava a ser caco. Tornei a berrar e eis que a senhora da cozinha, tendo ido ao Porto, comprou uma. Foi hoje a estreia. O *Russo* ao colocar o tabuleiro exclama: *aqui está ela.* É uma peça oval cor de vinho e beiras doiradas. Eu cá não gosto nada da cor e disse isso mesmo ao *Russo*; ao que ele me respondeu que a senhora lhe dissera ter vindo a peça sob condição; e que na loja tinha ficado uma muito linda com três pezinhos. *Pior. Muito pior. Três pezinhos.*

*** Hoje houve um tribunal. Responderam o *Macaquito* e o *Zé Grelo* e o Secundino; este tipógrafo, o segundo alfaiate e o primeiro, da Casa Mãe. O primeiro e o mais refilão, fez uma grande negra na cara do Secundino. Secundino fez outra na cara do *Zé Grelo*. Ouve testemunhas. Uns que sim, outros que não. No fim pediram-se desculpa, deram-se as mãos e acabou.

*** Sendo certo que a Imprensa diária costuma consagrar quadros de ternura, feitos de sentimento e devoção ao bicho, trazemos hoje a público os deles que cá temos. Desta sorte e se até hoje não, por amor dos Gaiatos, lembrem-se agora por amor dos bichos. Eil-os: *Gatito, Ratinho, Formiga, Passarinho, Pombinha, Papagaio, Tou-*

peira, Carocha, Sardinha, Girafa, Fuinha, Macaco, Macaquito, Caracol, Coelhoinho, Tira-olhos, Grilo, Candário e Rato.

*** Damos aqui o retrato do Armando Alfredo e também se lhe dá a palavra:

«Pois, Pai Américo sempre foi certo, casei-me no dia 20 de Fevereiro, Domingo Gordo, lembrei-me bastante do Pai Américo e da nossa Capelinha; quando me estava a casar pela minha memória passou o pensamento de que poderia estar a fazer o mesmo acto na nossa capelinha ou na igreja de Paço de Sousa, mas o meu pensamento esteve aí por isso valeu o mesmo.»

O rapaz teve um desastre muito sério, de viação. Viu morrer ao pé de si um seu companheiro.



Os recém-casados

Deus permitiu que ele ficasse e o outro fosse. Isto que aos nossos olhos se passa como acidente, entra nos planos do Eterno. Não nos cai um cabelo sem que Deus o saiba.

Ora o Armando Alfredo está aqui. Já tivemos ocasião de o colocar num *Cantinho dos padres da rua*, tendo publicado, ao tempo, uma sua carta dos Açores, dirigida a mim; e ora muito me apraz trazer mais as regras supracitadas.

Tem-se dito que na Obra da Rua não há religião: *ali não há religião.* Não sou eu quem a mede. Também não sabemos se estão à altura de o fazer, os que nos julgamos. Mas eu já fico muito contente que o Armando se tenha lembrado da nossa *capelinha* no dia do seu casamento; e que tivesse estado ao pé de nós ao dar o primeiro passo de uma nova vida: *podia estar a fazer o mesmo acto na nossa capelinha.* As nossas capelas são tudo quanto há de mais despido. É vê-las. Não temos culto obrigatório. Não empurramos ninguém. Porém, o Domingo, é verdadeiramente o dia do Senhor. A estação da missa, é a hora do Senhor. Tudo quanto sabemos de Cristo, dizê-mo-lo ali. E os rapazes vão-se embora *tocados.* Temos deles em todos os cantos

do mundo. A menos que se trate de perversos ou degenerados, aquela hora foi-lhes proveitosa. Vai com eles para toda a parte: *lembrei-me bastante da nossa capelinha.*

*** *Pombinha*, hoje empregado no Porto, apareceu ontem aqui inesperadamente. Quis saber e pergunto. Nada. Nada de especial. Veio buscar uma moca. Pega numa foice, vai à mata, procura um pau torto e faz a moca. *É pra jogar o oquei.* Chegada a hora do combóio, *Pombinha* foi-se embora, moca debaixo do braço. Não preciso de dizer a ninguém o valor incomensurável desta aparente futilidade. Nós somos contra as amputações. Queremos que o rapaz use todos os seus órgãos e dirija todos os seus movimentos, livremente; e aprenda por si mesmo a limitar a sua liberdade. O *Pombinha*. A moca. O jogo do oquei. Livros abertos!

*** Pouco tempo antes da hora, Antoninho vem aonde eu estava e trepa por mim acima até colar os lábios ao meu ouvido — *tem hoje uma coisa muito boa pra ceta.* E desprende-se devagarinho. Uma vez no chão, olha para mim como quem saboreia a doçura da notícia. Pudera-me ter calado e não perguntar, mas o Antoninho ficava triste. Eu não seria amigo. Tinha de pagar amor com amor. Pergunto. Peço que me diga o que vem a ser a *coisa boa.* O meu refeiteiro, agora muito contente, para estender mais a sua alegria, quer que eu adivinhe. *Diga lá.* E antes que eu dissesse, é ele que o diz, impaciente: *tem hoje uma maçã assada.* Eis a grande novidade. Mais coisas profundas com aparência de superficiais. Quem não souber ler o interior das coisas, não tira nada da maçã assada nem da ansia do Antoninho e contudo isto significa que ele, aqui em casa, vive inundado. Inundado de amor.

*** Chego neste momento das oficinas, aonde passei pela dos carpinteiros. São 9 bancadas a trabalhar na caixilharia da casa de Beire e até aqui, nada de extraordinário. O que me fez demorar ali e vir agora dizer aqui, é uma coisa diferente; entre os grandes, estava o *Salta Pocinhas* a carpintear. Ele e outros que ainda não têm idade escolar. Pregos, aparas, ferramenta, eles. Os irmãos maiores, ali ao pé, sem interromper seus trabalhos, velam para que nada falte aos pequeninos carpinteiros. Poder-se-ia falar nos estragos e eu digo que não. Nós somos a renúncia ao método e à ordem e ao lucro e ao tempo e à economia e a tudo.

O que se pretende é ganhar. Juntar pequeninos e grandes num só preceito. Dar família aos sem família. Invocar o nome de Deus. Mais nada.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA